

FRANCISCO RODRIGUES LOBO [FRL]: o 1.º destacado poeta leiriense?

(n. Leiria: 1575/80?; m. Lisboa: 1621/1622?)



LEG: FRL, numa gravura da época, e numa caricatura atual



LEG: FRL, na Praça Rodrigues Lobo, em Leiria, uma criação do escultor, mestre Joaquim Correia

DADOS BIOGRÁFICOS:

- nascido em Leiria, talvez no ano da morte de Camões, 1580, ou até alguns anos antes
- continuou o lirismo camoniano
- influenciado pelo espanhol Luís de Gôngora, é considerado o iniciador do Barroco na literatura portuguesa
- pertenceu a uma família de cristãos-novos
- formou-se em Direito na Universidade de Coimbra, não se conhecendo quaisquer cargos públicos que tenha exercido

- morreu afogado numa viagem de barco que fazia entre Santarém e Lisboa, provavelmente no ano de 1621 ou 1622
- escreveu romances **bucólicos** (que têm como ambiente o campo harmonioso e em que tudo é sempre sereno e paradisíaco), **éclogas** (diálogo entre pastores ou um solilóquio, tal como o poeta latino Virgílio tinha escrito *Éclogas*, imitando-as já de Teócrito...) e **sonetos** (formados por duas quadras e dois tercetos, forma intimamente ligada à literatura italiana renascentista; lembrar *Os Sonetos* de Petrarca)
- em prosa escreveu a ***Corte na Aldeia* (1619)**, coleção de diálogos didáticos sobre preceitos da vida na corte, que reflete a frustração da nobreza portuguesa pelo desaparecimento da corte nacional sob a dominação filipina (1580-1640)

DADOS BIBLIOGRÁFICOS:

Primavera (título geral das três novelas pastoris: Primavera, Pastor Peregrino e Desenganado; 1601);

O Pastor Peregrino (1608) [lembrar a estátua dedicada a essa figura, frente ao Banco de Portugal, em Leiria, e na esquina do Jardim Municipal];

Condestabre (1609);

Corte na Aldeia (1619).



Na borda exterior do Jardim, voltada para o Largo 5 de Outubro, ergue-se a estátua do Pastor Peregrino. Esta estátua em pedra, esculpida por **Pedro Anjos Teixeira**, e inaugurada em **1959**, é uma figura pastoril, que nos romances bucólicos de Rodrigues Lobo representa o próprio poeta.

POEMAS QUE PODEM SER LIDOS PELOS MENINOS DAS FÉRIAS ATIVAS / ESECS

Mote

Vai o rio de monte a monte,
Como passarei sem ponte?

(lido sempre pelo mesmo menino 0 e repetido depois de cada volta)

Voltas

É o vau mui arriscado,
Só nele é certo o perigo;
O tempo como inimigo
Tem-me o caminho tomado. **(menino 1)**
Num monte está meu cuidado,
E eu, posto aqui noutro monte,
Como passarei sem ponte? **(menino 2)**

Mote

Tudo quanto a vista alcança
Coberto de males vejo:
D'aquém fica meu desejo
E d'além minha esperança. **(menino 3)**
Esta, contínua, me cansa
Porque está sempre defronte:
Como passarei sem ponte? **(menino 4)**

Mote

Primavera, Vales e Montes..., Floresta Quinta

ÉCLOGA I

Dizem que já noutra idade
falaram os animais,
e eu creio que por sinais
inda hoje falam verdade. **(menino 5)**

Ouvi contar como então
se fez valente e temido
um vil jumento, escondido
nos despojos de um leão. **(menino 6)**

Enquanto de longe o viam
os outros fugiam dele:
eram milagres da pele
do rei, a que eles temiam. **(menino 7)**

Quis falar, buscou seus danos,
que os outros, com raiva crua,
fazem pagar pela sua
da outra pele os enganos. **(menino 8)**

Quantos há, na nossa aldeia,
leões e lobos fingidos,
que houveram de andar despídos,
se não fora a pele alheia! **(menino 0)**

ANTES QUE O SOL SE LEVANTE

Mote

Antes que o Sol se levante,
vai Vilante ver seu gado,
mas não vê Sol levantado
quem vê primeiro a Vilante. **(menino 0)**

Voltas

É tanta a graça que tem
com ùa touca mal envolta,
manga de camisa solta,
faixa pregada ao desdém,
que se o Sol a vir diante,
quando vai mungir o gado,
ficará como enleado
ante os olhos de Vilante. **(menino 1)**

Descalça, às vezes, se atreve
ir em mangas de camisa;
se entre as ervas neve pisa,
não se julga qual é neve.
Duvida o que está diante,
quando a vê mungir o gado,
se é tudo leite amassado,
se tudo as mãos de Vilante. **(menino 2)**

Se acaso o braço levanta,
porque a beatilha encolhe,
de qualquer pastor que a olhe
leva a alma na garganta.
E inda que o Sol se levante
a dar graça e luz ao prado,
já Vilante lha tem dado,
que o Sol tomou de Vilante. **(menino 3)**

Éclogas, X

CANTIGA

Descalça vai para a fonte,
Leonor pela verdura;
Vai fermosa, e não segura. **(menino 4)**

A talha leva pedrada,
Pucarinho de feição,
Saia de cor de limão,
Beatilha soqueixada;
Cantando de madrugada,
Pisa as flores na verdura: **(menino 5)**
Vai fermosa, e não segura. **(TODOS)**

Leva na mão a rodilha,
Feita da sua toalha;
Com ùa sustenta a talha,

Ergue com outra a fraldilha;
Mostra os pés por maravilha,
Que a neve deixam escura: **(menino 6)**
Vai fermosa, e não segura. **(TODOS)**

As flores, por onde passa,
Se o pé lhe acerta de pôr,
Ficam de inveja sem cor,
E de vergonha com graça;
Qualquer pegada que faça
Faz florescer a verdura: **(menino 7)**
Vai formosa, e não segura. **(TODOS)**

Não na ver o Sol lhe val,
Por não ter novo inimigo;
Mas ela corre perigo,
Se na fonte se vê tal;
Descuidada deste mal,
Se vai ver na fonte pura: **(menino 8)**
Vai fermosa, e não segura. **(TODOS)**



LEG: FRL, no Parque dos Poetas, em Oeiras, uma criação do escultor João Oom